

# Alagados: na maior favela do país um desafio à civilização

O próprio Plano Urbano reconhece as dificuldades para sua viabilização, acentuando que, dos habitantes, 12 por cento percebem meios de meio e 2 por cento entre meio e um salário mínimo. Assim, Alagados, uma comunidade que sobrevive em condições sub-humanas, que cresceu a tal ponto e desordenadamente que é hoje considerada a maior favela do Brasil e um desafio social dos governos.

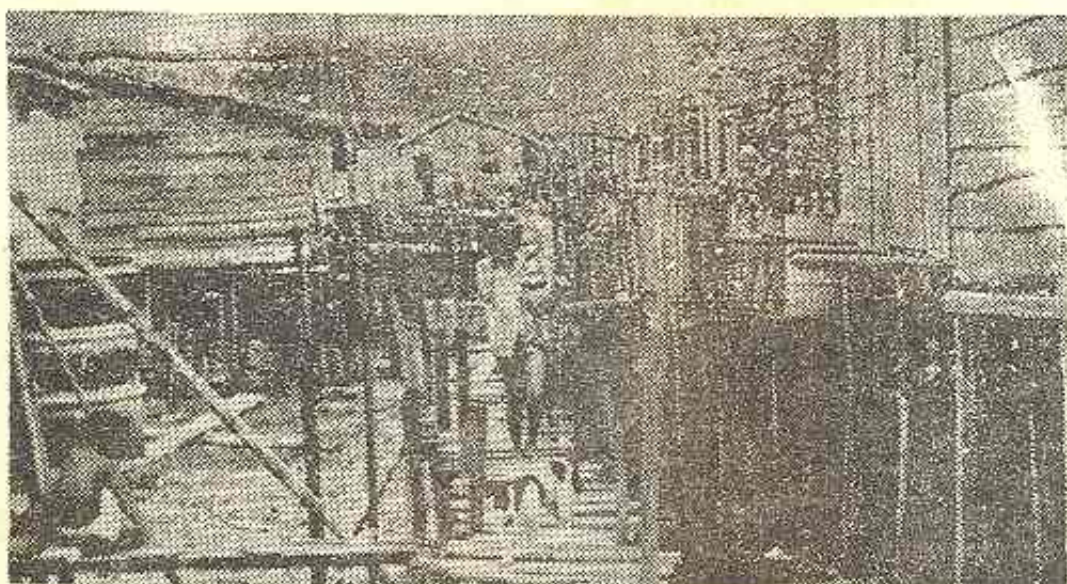
Uma população que aumentou em 70 mil pessoas nos dez anos de 1960 a 1970. Onde um estudo governamental revelou há três anos, que de 15.632 famílias, apenas 3.658 tinham renda superior a três salários mínimos. Os empregados distribuíam-se em 4.766 na indústria da construção civil, 7.463 no comércio e administração pública e 8.701 formavam o grosso contingente dos biscateiros, autônomos e não especificados.

## ESPERANDO O MINISTRO

Alagados começou com as conhecidas "invasões" que desencadearam uma brutal repressão policial. As primeiras casas surgiram encampadas em estacas e pouco a pouco seus ocupantes atiravam o espaço vizinho ao ponto onde moravam, com lixo. Assim criava-se uma área sólida, logo tomada pelos barracos que em número de 1.500 adentraram no mar.

Firmando-se progressivamente, essa população pôde adquirir existência própria e foi aceita no meio, se bem que muito pouco se fez, até então. Faltam escolas em quantidade e instalações suficientes para abrigar a necessidade de educação. A rede médico-hospitalar gratuita é deficiente para assistir aos casos "normais" provocados pela insalubridade do ambiente.

Em 1973 constatou-se que apenas 10.136 habitações dispunham de água encanada, contra 5.506 servidas por chafarizes. Fossas eram privilégio de 9.833 famílias, só 12.737 tinham energia elé-



O morador dos Alagados faz ginástica constante nas pontes estreitas e improvisadas sobre o lamaçal.

trica, 12.829 usavam gás liquefeito e 2.803 recorriam ao querosene e outras fontes.

Esta é a realidade por vezes confundida pelos observadores mais apressados que vêm nas inúmeras antenas de televisão um sintoma de progresso da comunidade. Esquecem-se que isso advém da facilidade de crédito seguida por uma capacidade de endividamento relativa, resultado da política econômica do País.

## A VIDA DOS ALAGADOS

Desconhecidos malabaristas caminham seguros sobre as pontes frágeis e oscilantes de tábuas que dão acesso às barracas improvisadas com madeira usada. É a gente de Alagados. Chamam de casas, ainda que a pesquisa oficial tenha mostrado a ausência de cozinhas e sanitários em 18 mil delas, anotando outras 14 mil sem sala. Dão esse nome, pintam a frente com cores alegres

e deixam as janelas abertas para que saia a fumaça de renda ordinária — tudo para emprestar uma aparência de lar.

Suas crianças desafiam o ambiente inóspito e muitas teorias que brotam nos gabinetes. Sobrevivem, mesmo que a meio caminho se defrontem com as infecções, geralmente agravadas pela desnutrição que chega a índices irreversíveis e sempre fatais, quando não mutilam.



As crianças são as maiores vítimas da pobreza extrema da maioria dos moradores. Escolas ainda insuficientes e o futuro incerto.

Não contam as que despencaram na lama, em idade tenra.

A alimentação que garante atravessar os dias ainda se constitui basicamente, cada dois dias, no cozido de feijão e arroz. Apesar dos avisos persistentes de que esse maridinho concentra o mercúrio (são toneladas, despejadas na enseada dos Tambores) e produz envenenamento, com sérias consequências, Interpelado a respeito, qualquer um justifica como a única opção de alimento e se mantém vivo pelo teor proteico.

## E SEU FUTURO...

O material usado para a construção dos barracos é retirado dos monturos, lixo lançado pelos caminhões da Limpeza Pública, onde animais e crianças disputam também restos que possam ser comidos. Para o caso são caixas vazias, papelão, latas de que se aproveita a chapa. No segundo sobras de alimentos deteriorados e imprestáveis para o gosto da cidade que cerca a área dos Alagados.

O Plano de Urbanização que, a nível de moradia visa a minimizar a situação desses milhares de habitantes dos Alagados, estabelece a conservação dos investimentos já encontrados no local, com melhoria da organização espacial e das condições de salubridade. A ideia coloca-se em três tipos de consideração: área pré-existente, área a ser conquistada ao mar e área total.

Seu desenvolvimento leva em conta o aterro inicial, serviços de drenagem e habitação. Estas serão construídas de forma gradual para compatibilização com o orçamento doméstico da população beneficiada. Trata-se de casas programadas de modo que o morador as complete, seguindo uma linha pré-definida e mediante suas necessidades de ampliação. Este enigmático quadro que emoldura as tentativas de solução de um problema de raízes arraçadas num sistema mais amplo que envolve a política econômica brasileira, entre outras nuances e que estará à frente do ministro Rangel Reis.